

# Cidades.

**Taxista  
agredido  
em assalto**

Um taxista foi assaltado e agredido por dois ladrões no bairro Itapoã, em Vila Velha. Ele havia voltado recentemente à profissão, depois de 15 anos. **Página 12**

EDITORA:  
CINTIA ALVES  
calves@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8446  
agazeta.com.br/cidades  
gazetacidades

## ENSINO SUPERIOR

## UFES COMEÇA A AVALIAR

## ADOÇÃO DE COTA RACIAL

Atualmente, a reserva de vagas tem como critério a renda

ELTON LYRIO  
emorati@redgazeta.com.br

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) vai voltar a discutir a possibilidade de implantar um sistema de cotas raciais em seu vestibular. Atualmente, a reserva é de 40% das vagas de cada curso e leva em conta critérios socioeconômicos, beneficiando alunos vindos de escolas públicas e possuem renda inferior a sete salários mínimos.

Na última segunda-feira, representantes do movimento negro foram recebidos pela vice-reitora, Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto, para debater sobre a possibilidade das cotas raciais.

Segundo a vice-reitora, a implantação de cotas para negros na universidade depende da avaliação do atual sistema que deve começar em agosto e ser concluída até 2014.

“A possibilidade está posta desde que o supremo declarou as cotas raciais como algo constitucional. No entanto, o caminho que a universidade deverá tomar para si deve ser a partir da avaliação. É preciso saber se o atual sistema está satisfazendo às demandas da população afrodescendente”, disse Maria Aparecida. Ela ressaltou que a universidade está aberta para dialogar sobre a questão com os movimentos sociais.

### NÚMEROS

Dados da própria Ufes, divulgados por A GAZETA no último mês



ARQUIVO

O atual sistema de cotas da universidade deve começar a ser discutido em agosto e concluído até 2014

### A FAVOR

#### DEMOCRACIA DA COR

**Gustavo Forde**  
Centro de Estudos da Cultura Negra



“Cotas raciais são necessárias e importantes, tendo em vista o grande abismo que há entre brancos e negros no Brasil. Aqui, não há só o racismo social, mas também o institucional, que é muito forte. O Estado tem de implantar políticas de compensação e reparação dos quase quatro séculos em que a população negra no Brasil foi escrava, produzindo riqueza patrimonial e simbólica. No entanto, os descendentes dessa

população são apropriados de qualquer benefício dessa riqueza, e há até mesmo um desperdício de talentos. Precisamos democratizar a cor da universidade. Os cursos mais elitizados são predominantemente brancos. Se compararmos a trajetória de um aluno negro e de um branco, o negro tende a ter mais obstáculos e até mesmo um esforço muito maior para conseguir uma nota pouco menor que a do branco.

### CONTRA

#### INGRESSO POR MÉRITO

**José Antônio Pignaton**  
Centro Educacional Leonardo da Vinci



“Sou contra qualquer tipo de cota, porque a cota não resolve o problema. É uma forma de mascarar-lo. O Estado se omite em dar a qualidade de ensino e depois privilegia o aluno que não a teve. A Constituição diz que o acesso à universidade se dará por mérito. Tem de entrar quem está preparado. A cota racial é um sistema que, como alertou o próprio ministro do STF, Gilmar Mendes, deve ser revisto. Basta lem-

brar o caso dos dois gêmeos de Brasília, em que um foi aceito; e o outro, não. Quem é que vai dizer quem é negro? Para mim, isso é corrigir um erro histórico criando um sistema injusto e discriminatório. No caso da escola pública, um aluno de 17 anos não tem culpa de, no começo da vida, ter sido matriculado pelos pais em uma escola particular. Será que ele deve pagar por algo que ele não fez?”

de maio, já apontaram que o atual sistema de cotas sociais não representou um aumento significativo no percentual de negros e pardos na Universidade. Em 2007 – ano em que ainda não havia o atual sistema de cotas –, o percentual de negros e pardos na universidade era de 43%. No ano passado, esse número foi de 44,1%.

Para a vice-reitora, é possível que o pouco crescimento dessa população na Ufes esteja relacionado à questão da autodeclaração. “Como no nosso sistema de cotas declarar-se negro ou pardo não é a variante que determina o ingresso, muitos podem acabar nem assumindo esse pertencimento, o que é diferente em um programa voltado para critérios raciais”, justifica.

O diretor do Centro de Estudos da Cultura Negra (Cecun), Gustavo Forde, que esteve presente na reunião com a vice-reitora, afirmou que a reivindicação dos movimentos negros é por um recorte racial no atual sistema.

Na visão de Forde, as duas políticas complementam-se. “A reitoria demonstrou abertura para o diálogo de uma forma bastante positiva. A Ufes hoje reúne boas condições para dar um passo socialmente qualificado”, pontuou.

Segundo ele, avaliar se o atual sistema supre as demandas raciais é uma das reivindicações do próprio movimento negro, que vai atuar na comissão.